

**A CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA QUANDO:  
UMA ANÁLISE FUNCIONAL – DISCURSIVA**

*Vanessa Pernas Ferreira (UFRJ/ CAPES)*  
[nessa\\_ufrj@yahoo.com.br](mailto:nessa_ufrj@yahoo.com.br)

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Os recentes estudos linguísticos se baseiam na observação da língua em uso, tratando-a como um processo e não como um produto, ou seja, um mero conjunto de funções e nomenclaturas; sendo assim, há uma preocupação com o discurso como um produto coletivo. Essa postura pode ser notada, por exemplo, por meio dos pressupostos teóricos do Funcionalismo, segundo o qual os estudos linguísticos devem ser baseados no uso, levando em conta não só as pressões dos contextos de uso, mas também fatores sociais e interpessoais.

No português do Brasil, o item *quando* é considerado, pela Gramática Tradicional (GT), o conector temporal prototípico. No entanto, ao analisar o português falado, podemos verificar que o item aparece encabeçando uma série de orações subordinadas adverbiais indicando outras circunstâncias, além da temporal; encontraram-se casos de condicionais e causais. Alguns desses exemplos se estendem, inclusive, para a escrita, como é o caso das orações subordinadas adverbiais condicionais, conforme ilustra o exemplo a seguir:

- (1) Brasileiro adora acompanhar futebol. **Quando** tem Copa do Mundo então, nem se fala. (*O Globo*- 04/06/06 – ANU)

Tal uso pode ser explicado por meio do Funcionalismo, uma vez que, com base na teoria funcionalista, entende-se gramaticalização como o processo que leva itens lexicais e construções sintáticas a assumirem funções referentes à organização interna do discurso. Dessa forma, itens que antes eram considerados como parte do léxico tornam-se elementos gramaticais, passando a fazer parte do âmbito da gramática. Tal processo, segundo o Funcionalismo, é unidirecional, isto é, os itens vão sempre do léxico para a gramática e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

Acredita-se, ainda, que, se o conteúdo semântico de uma forma linguística pode servir a propósitos metalinguísticos referentes à organização do texto de modo relativamente natural, essa forma linguística tem potencial para sofrer gramaticalização.

Com base nesses dois processos, passou-se a observar o comportamento do item *quando*, pois, a partir da leitura constante de jornais, notou-se que tal item, há bastante tempo, vem sendo usado com outros valores além do temporal na sintaxe da língua portuguesa, fornecendo indícios, para que se possa afirmar que está sofrendo algum dos processos antes descritos.

Sendo assim, deseja-se, com o presente estudo, fazer uma análise do comportamento do item *quando*, a fim de demonstrar que tem sofrido algum processo de cunho gramatical, processo este que pode se encaixar nos moldes da gramaticalização. Pretende-se, ainda, demonstrar que o estudo das orações torna-se mais produtivo quando, para sua classificação, deixa-se de priorizar a presença do conector e se passa a considerar a relação existente entre as orações.

### ***1. Alguns pressupostos teóricos***

Ao apresentar as orações subordinadas, Azeredo (2004:229) caracteriza o conector *quando* como a mais usada das conjunções temporais. Para o autor, a conjunção, quando usada no seu sentido próprio de momento, ocasião, época, indica que dois fatos coexistem no tempo.

Segundo Azeredo (2004, p. 230), há uma série de conjunções temporais que permitem subdividir as subordinadas temporais em orações com tempo simultâneo ou durativo, tempo simultâneo frequentativo, tempo posterior imediato, tempo posterior durativo, tempo anterior durativo e tempo simultâneo pontual. No entanto, o conector *quando* não é usado para exemplificar nenhum destes casos, o que leva a pensar que este é um item neutro, que não possui marcas definidas e, por isso, não pertence a nenhuma das subdivisões temporais feitas pelo teórico.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Neves (2000, p. 787) afirma que a análise das orações temporais pode ser representada pela análise das conjunções iniciadas por *quando*, pois esta seria a principal conjunção temporal.

Neves (2000, p. 797) afirma também que as orações temporais podem apresentar “relações de tipo lógico-semântico associadas à relação temporal que se estabelece entre orações”. Para ela, essas relações são licenciadas por conectores neutros, como o *quando*, e que se deve levar em conta o tempo e o modo verbal empregado em cada uma dessas orações.

Podemos explicitar, com a autora, três relações lógico-semânticas que podem ser estabelecidas com o item *quando*:

### **1.1. Relação temporal com sentido causal**

- (2) Apesar de muitas reclamações, o gol foi confirmado e as vaias só cessaram **quando** Kewell quase empatou, com um chute forte por cima do travessão. (*O Globo* – 13/06/06 – Notícia)

O exemplo sugere um sentido causal uma vez que se pode entender que as vaias só cessaram porque o jogador Kewell quase empatou.

### **1.2. Relação temporal com sentido condicional**

- (3) Decididamente, é preferível permanecer por aqui lendo e vendo, e escrevendo sobre como deve ser trabalhoso cobrir a Copa do Mundo. Isso **quando** não usamos o espaço para reclamar da cobertura. (*O Globo* – 07/06/06 – Editorial)

Neste exemplo há uma relação causa/condição, pois a condição para não se escrever sobre a Copa do Mundo é estar escrevendo reclamações sobre a cobertura jornalística do evento.

### **1.3. Relação temporal com sentido concessivo**

- (4) O resultado é que, este ano, Mato Grosso passou a ser o maior produtor de algodão do país com uma produtividade de 220 arrobas por hectare, **quando** a média nacional é de 40. (VARPORT – E – B – 94 – Je – 007)

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Pode-se considerar que houve uma quebra de expectativa no exemplo 5 uma vez que a produtividade de 220 arrobas por hectare foi acima da esperada média nacional de 40 arrobas.

O primeiro caso estaria ligado ao aspecto perfectivo, o segundo poderia ser dividido em eventual e factual, e o terceiro estaria relacionado ao aspecto imperfectivo.

Decat (2001, p. 123) diz que o conector *quando* exerce função em todas estas relações lógico-semânticas por estar passando por um processo de “esvaziamento semântico”. Tal processo é comum na língua oral, mas já tem sido observado também na língua escrita, como, por exemplo, em:

- (5) Essas diferenças de precipitações pluviais coincidem com a presença de outros elementos, **quando** não os provocam diretamente. (VARPORT – E – B – 92 – Je – 006)

O exemplo anterior não apresenta características prototípicas de uma oração temporal, caracterizando-se o *quando* como uma conjunção esvaziada semanticamente.

Segundo a autora, poderíamos considerar a existência de dois itens lexicais distintos, a que chama de *quando 1* e *quando 2*, e cada um destes estaria veiculado a significados distintos, como causa ou condição.

Para ela, essa perda de significação do conectivo colabora para a postulação de que a relação adverbial não é dada pelo conectivo, mas sim pela proposição relacional que existe entre as orações (a que chama cláusulas), reforçando a importância de uma análise não apenas sintática, mas também semântica, levando em conta as inferências do leitor.

De acordo com Decat (2001), além das relações entre temporalidade e condição, existem também as relações de concessão/condição, causa/condição e concessão/exclusão.

A autora ressalta, ainda, que Góis (1955) trata dessa questão do esvaziamento semântico de forma indireta. O autor admite a “ubiquidade” das conjunções, isto é, o fato de estas poderem ter mais de uma classificação. Para Decat (2001), essa postura decorre do fato

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

de o autor ter percebido a possibilidade de inferências em cláusulas iniciadas por um único tipo de conjunção.

### ***2. Um pouco de diacronia***

Barreto (1999) afirma que a conjunção *quando* já era usada no Latim e ocorre na língua portuguesa desde o século XII. Segundo a autora (1999, p. 219), o *quando* é o acusativo feminino singular do relativo, *quam*, adverbializado e somado à preposição indo-europeia *-do* que significava ‘para’. No Latim já era empregada como advérbio interrogativo-indefinido ou conjunção subordinativa que oscilava de sentido, aparecendo com sentido temporal, em Plauto, e com sentido causal, em textos de Terêncio e Cícero.

Para a autora, o sentido inicial do *quando* ‘para o qual’, referindo-se a tempo, determinou, através de um processo metafórico, o sentido temporal da conjunção e do advérbio interrogativo, fazendo decair o sentido causal. Com o valor temporal de ‘em que época’, ‘em que ocasião’, o *quando* passou ao português também, como advérbio ou conjunção.

Barreto (1999) afirma que a conjunção *quando* gramaticalizou-se ainda no latim, uma vez que passou ao português com a mesma forma e o conteúdo semântico temporal que já possuía na língua de origem. Todavia, a análise dos dados mostra que este conteúdo semântico deixou de ser apenas temporal e hoje já apresenta traços condicionais, causais e concessivos, entre outros.

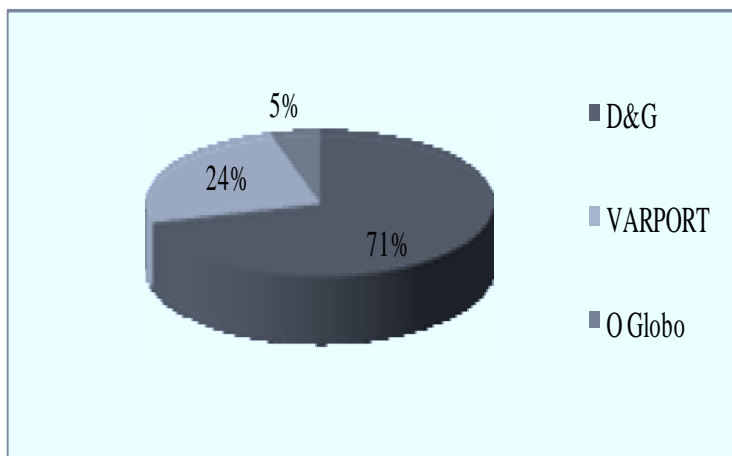
### ***3. Análise dos dados***

Diante dos fatos arrolados, pode-se concluir que a conjunção *quando* tem sofrido alguns processos gramaticais. Dessa forma, o presente trabalho pretende, entre outros objetivos, observar se o item está obedecendo a hierarquia TEMPO > CAUSA > CONCESSÃO observada por Traugott e König (1991) para as conjunções e, ainda, verificar por qual fenômeno passa o item e descrever as possíveis “funções” desempenhadas pela conjunção no atual português do Brasil.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

Para tal, usou-se dados recolhidos de três *corpora* distintos: Jornal *O Globo*<sup>8</sup>, *corpus* VARPORT<sup>9</sup> e D&G<sup>10</sup>, sendo o primeiro de língua escrita e os dois últimos de língua falada e língua escrita.

Nos três *corpora* analisados foram encontrados 689 casos de uso da conjunção subordinativa *quando*, distribuídos conforme o gráfico a seguir:



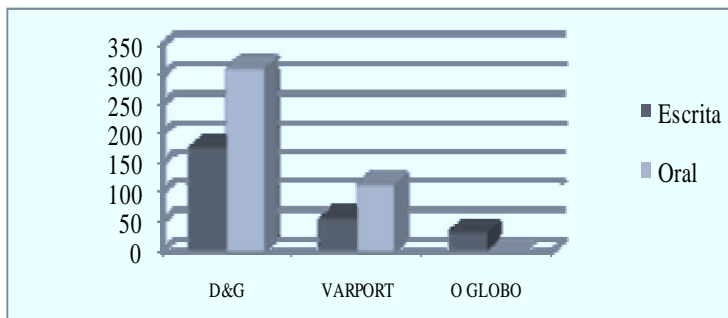
Embora o maior número de dados seja de língua oral, foram encontradas ocorrências na língua escrita, conforme se verifica no gráfico a seguir:

---

<sup>8</sup> Textos selecionados entre 31/05/06 e 14/06/06

<sup>9</sup> Disponível em [www.lettras.ufri.br/varport](http://www.lettras.ufri.br/varport)

<sup>10</sup> Disponível em [www.lettras.ufri.br/d&g](http://www.lettras.ufri.br/d&g)



Tais ocorrências da conjunção subordinativa *quando* nos corpora pesquisados, conforme foi possível verificar no gráfico 2, foram elencadas com base nas propriedades que cada um dos seus usos possui, identificando a frequência de ocorrências de cada um dos casos encontrados, conforme ilustra a tabela a seguir:

	TEM.	COND.	CAUS.	CON.	PROP.	TOT.
<b>D&amp;G</b>	383 (78,5%)	84 (17,2%)	20 (4%)	1 (0,3%)	0	488 (100%)
<b>VARPORT</b>	121 (71,5%)	42 (24,8%)	4 (2,3%)	1 (0,7%)	1 (0,7%)	169 (100%)
<b>O GLOBO</b>	25 (78,2%)	5 (15,6%)	1 (3,1%)	1 (3,1%)	0	32 (100%)
<b>TOTAL</b>	529 (76,7%)	131 (19 %)	25 (3,6%)	3 (0,5%)	1 (0,2%)	689 (100%)

Pelo que se pode observar na tabela, em um total de 689 ocorrências da conjunção subordinativa *quando*, 76,7 % são de valor semântico temporal; 19 % são de valor semântico condicional; 3,6 % são de valor semântico causal. Foram encontrados, ainda, 3 dados (0,5 %) de *quando* com valor semântico concessivo e 1 caso (0,2 %) de *quando* com valor semântico proporcional. O fato de haver um número muito maior de dados temporais já era esperado, pois a conjunção subordinativa *quando* apresenta prototipicamente valor temporal. Vale ressaltar que tais valores semânticos serão explicados detalhadamente mais adiante, no momento em que serão devidamente exemplificados.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

O que parece interessante é o fato de haver um crescente número de dados com valores diferentes do temporal. Tal fato pode ser explicado por meio de dois fatores: a conjunção pode estar em um novo processo de gramaticalização e, ainda, tempos e modos verbais podem estar influenciando diretamente na alteração destes valores semânticos, em conformidade com a tese de Neves (2000), segundo a qual alguns tempos verbais podem influenciar diretamente nos valores semânticos da conjunção subordinativa *quando*, como, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo, que favoreceria uma interpretação causal da conjunção.

O *quando* com valor semântico temporal é o mais conhecido de todos, principalmente por esta ser considerada a conjunção prototípica deste valor. De acordo com Neves (2000, p. 790), aparece, na maioria das vezes, acompanhado de verbos no modo indicativo. Todavia, o modo subjuntivo também pode ser usado na oração com *quando*, especialmente no futuro, quando expressa uma eventualidade. É possível observar melhor os tempos verbais que aparecem em orações subordinadas adverbiais iniciadas por *quando* na tabela a seguir:

	PRES.	P. PERF.	P.IMP.	PRES. SUBJ.	P. IMP. SUBJ.	FUT. SUBJ.	TOTAL
<b>O GLOBO</b>	8 (32%)	11 (44%)	3 (12%)	0	0	3 (12%)	25 (100%)
<b>VARPORT</b>	44 (36,4%)	41 (33,8%)	29 (24%)	2 (1,7%)	0	5 (4,1%)	121 (100%)
<b>D&amp;G</b>	53 (13,8%)	214 (55,8%)	82 (21,5%)	0	3 (0,9%)	31 (8,0%)	31 (100%)
<b>TOTAL</b>	105 (19,8%)	266 (50,3%)	114 (21,5%)	2 (0,4%)	3 (0,6%)	39 (7,4%)	529 (100%)

Como se pode notar lendo-se a tabela acima a partir do eixo vertical, o pretérito perfeito do indicativo é o tempo mais usado nas orações temporais encetadas pela conjunção subordinativa *quando*, corroborando a análise de Neves (2000, p. 790). Segundo a autora, a correlação entre o pretérito perfeito na oração principal e na oração



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

subordinada, configura telicidade<sup>11</sup>, ou seja, é possível observar o aspecto perfectivo na construção, o que configura dois eventos percebidos como pontuais e simultâneos, e ocorridos no passado.

### **4. Alguns exemplos**

A seguir serão arrolados alguns exemplos dos *corpora* da pesquisa, com o intuito de elucidar melhor as questões pertinentes ao item *quando*.

#### **Exemplo (1):**

A confusão começou *quando* os agentes e o policial federal abordaram Andréa Cristina de Faria Corrêa, de 35 anos, e duas menores, todas irmãs de Alexandre. (*O Globo* – NOT – 13/06/06)

O primeiro exemplo é um caso prototípico de oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção subordinativa *quando*. Tal oração encontra-se posposta à principal e ambas apresentam os verbos no pretérito perfeito do indicativo. Entende-se, portanto, a ação como pontual e não durativa. O fato se desencadeou no passado e não perdurou até o presente. A conjunção recebe aí o valor temporal por ter o mesmo valor de “no momento em que”.

O falante, ao narrar o fato, parece desejar ressaltar que a confusão começou no exato momento em que os agentes e o policial federal abordaram Andréa e as outras duas menores.

Normalmente, encontram-se orações subordinadas em períodos narrativos em que a sucessão cronológica de fatos é importante para o encadeamento do texto. O exemplo (1) foi retirado de uma notícia de jornal, gênero textual em que há predomínio de sequências narrativas, esse fato também se mostra importante para a classificação da oração iniciada por *quando* como uma subordinada adverbial temporal.

#### **Exemplo (2):**

---

<sup>11</sup> De acordo com Thompson & Hopper (2001, p. 270), a telicidade está ligada à noção de aspecto. Uma ação já terminada possui o traço télico enquanto uma ação não terminada possui o traço não télico.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

*Quando* uma empresa vê o seu trabalho reconhecido publicamente, primeiro se enche de orgulho. Depois fica com uma vontade ainda maior de continuar provando que é possível fazer melhor a cada dia. (VARPORT – E – B – 94 – Ja – 002)

Alguns gêneros textuais privilegiam a argumentação, um destes gêneros é o anúncio publicitário em que o autor procura “convencer” seu interlocutor a comprar um determinado produto. Para tal, é comum o uso da injunção.

Quanto à sintaxe, normalmente as orações são coordenadas, pois facilitam a compreensão por parte do interlocutor. Quando ocorrem orações subordinadas iniciadas por *quando*, na maioria das vezes, elas não são temporais, conforme o exemplo acima.

No exemplo (2), a oração iniciada por *quando* tem valor semântico condicional, pois a condição para que a empresa apresentada no anúncio tenha orgulho de si mesma é que seu trabalho seja reconhecido publicamente. Sendo assim, como nos casos anteriores, há uma relação de condição para a realização do fato.

A posição da oração subordinada é anteposta em relação à principal e os verbos se encontram no presente do indicativo, como a maioria dos casos encontrados na presente pesquisa.

### **Exemplo (3):**

Era carnaval eu peguei a cadeira para botar no muro.

*Quando* o bate-bola passou eu fui me abaixar. E a cadeira virou e eu furei perto do olho. (D&G – Inf. 60 – PE – NEP)

As orações causais apresentam fatos que são determinantes para a realização ou não daquilo que foi declarado na oração principal, são encabeçadas pelas conjunções *porque* e *como* e normalmente vêm pospostas quando encabeçadas por uma e antepostas quando encabeçadas por outra.

No exemplo (3) a oração iniciada por *quando* pode ser considerada como uma oração subordinada adverbial causal por estabelecer uma relação de causa/consequência com a oração principal. Na fala, retirada da transcrição que um falante fez de sua própria entrevista, é possível observar no período “quando o bate-bola passou eu fui me abaixar” esta relação de causa e consequência. O falante só se abaixou atrás do muro porque o bate-bola estava passando.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

É relevante, no entanto, observar que a relação de temporalidade também está expressa nessa oração. Vale ressaltar que no *continuum* da gramaticalização há um período, regido, de acordo com Hopper (1991), pelo princípio da persistência, em que as formas coexistem, sendo assim pode ser perfeitamente aceitável que neste caso sejam encontrados os valores causal e temporal.

### **Exemplo (4):**

O Inmet já registrou em junho mais de 30 mm de chuva, *quando* a média é de 180 mm. (*O Globo* – NOT – 13/06/06)

As orações concessivas<sup>12</sup> são aquelas em que, normalmente, há uma “quebra” de expectativa de um fato mencionado em relação a outro, ou seja, expressa um fato que poderia se opor à realização de outro fato expresso na oração principal e que não anulará sua realização.

O exemplo (4), retirado de uma notícia de jornal, expressa a quebra de uma expectativa, pois é possível observar que o esperado era que ocorresse uma média de 180 mm de chuva, no entanto, apenas em junho já havia ocorrido mais de 30 mm. Sendo assim, entende-se que haverá um aumento nestes números, uma vez que em apenas um mês, um sexto deste número já havia ocorrido.

Neves (2000, p. 799) considera a leitura concessiva como uma das prováveis leituras para as orações encabeçadas por *quando*, tal leitura é propiciada especialmente por verbos no presente do indicativo, como no caso do exemplo (24) em que a oração subordinada adverbial apresenta um verbo neste tempo e modo verbal.

### **Exemplo (5):**

O problema é simples de explicar: há empresas ou setores que arbitram seus valores sem maior critério, em completo desacordo com a realidade do País. Alguma coisa tem de estar errada *quando* as remarcações se fazem em escala geométrica, enquanto os salários sobem em escala aritmética. Um contrassenso que a lógica dos economistas não sabe ou prefere não explicar. (VARPORT – E – B – 94 – Je – 005)

---

<sup>12</sup> Os exemplos de orações concessivas aqui apresentados, já foram mencionados anteriormente na pesquisa, todavia, optou-se por expô-los novamente com o intuito de explicá-los mais detalhadamente.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

A oração proporcional é aquela que denota aumento ou diminuição em um mesmo sentido ou em sentidos opostos a outro aumento ou diminuição, são, portanto, orações correlatas.

A oração subordinada adverbial iniciada por *quando* que se encontra no período apresentado no exemplo (27) pode ser considerada um caso de oração subordinada adverbial proporcional, pois há aqui uma inferência dessa relação entre aumento e diminuição. Na oração, é possível substituir a conjunção *quando* pela locução conjuntiva *à medida que*; tal substituição não ocorre sem prejuízo de sentido porque, conforme já afirmado anteriormente, há apenas uma nuance de proporção, dentro de um valor que é primeiramente temporal.

Vale ressaltar, neste caso, que o que é relevante para esta pesquisa é o fato da conjunção *quando* apresentar valores (ou nuances de valores) semânticos diferentes do valor temporal, tido como prototípico e, na concepção da gramática tradicional, visto como único. Confirma-se assim, a tese defendida por Decat (2001, p. 123) de que a conjunção *quando* está passando por um processo de esvaziamento semântico. Corroborar, ainda, a ideia da autora de que a relação adverbial não se dá apenas pela análise do conectivo, mas sim pela “proposição relacional que emerge entre as cláusulas”.

### **5. Conclusões**

Pelas análises feitas neste estudo, verificou-se que, embora as gramáticas tradicionais considerem a conjunção subordinativa *quando* apenas como uma conjunção temporal, esta pode apresentar uma gama de valores semânticos além deste, considerado prototípico.

Os casos de difícil classificação, ou fronteira, vêm confirmar a hipótese de que a gramaticalização é um processo linguístico abalizado no uso e que a conjunção subordinativa *quando* está num *continuum* dentro deste processo; tal *continuum* vai desde o valor temporal, considerado prototípico, até o valor proporcional - valor este que apresenta apenas uma nuance – passando por valores como o condicional, o causal e o concessivo, valores estes que vigoram na escala de gramaticalização TEMPO > CAUSA > CONCESSÃO, descrita por Traugott e König (1991).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

É importante ressaltar que esta é apenas uma parte do processo de observação da conjunção subordinativa *quando*. O presente trabalho sanou muitas dúvidas, mas trouxe à tona muitas outras que se pretende estudar *a posteriori*.

Deseja-se, portanto, que com este trabalho, tenha-se dado mais um passo em relação aos estudos Funcionalistas, sem, contudo, termos esgotado o tema. Faz-se necessário, ainda, um estudo diacrônico do item, em que seja recolhido um maior número de dados de diferentes *corpora*, para que haja um maior entendimento em relação ao processo como um todo.

### BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1999. *Mimeo*. Tese de Doutorado.

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: \_\_\_ *et alii* (orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume 1. Philadelphia, John Benjamins Company. 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.